

Estamos na Primavera.

Se, no Brasil, as estações não são marcadas por traços distintos, que as extremem nitidamente uma das outras, é certo que não escapa à nossa observação a mudança que se opera na natureza, principalmente com o advento da Primavera. O ar afigura-se-nos então mais leve, a luz mais clara, o céu mais azul, a atmosfera mais diáfana, as árvores mais verdes, enfim, a natureza t^{do}ta parece emergir de ^{um longo} ~~seu~~ letargo para a ^{do luminoso} ~~perpetua~~ glória do ~~seu~~ rejuvenescimento.

Disse o poeta que "a Primavera é a estação das flôres". Eu diria antes que é a estação da poesia, dos devaneios da alma, das serenatas ao luar, dos idílios à hora do "Angelus", de t^{do}das essas pequeninas coisas que enchem de perfume e encantos a nossa vida.

Costumavam os romanos celebrar o comêço da Primavera com os "jogos florais", em homenagem a Flora, ~~deusa~~ das árvores e das flôres, que ostentava as suas galas, principalmente nessa doce estação. Bandos de mulheres moças percorriam então os campos e as cidades, dia e noite, dançando ao som de trombetas, na disputa do prêmio, representado por uma grinalda de flôres, que devia emoldurar a frente das vencedoras.

Aqui nos congregamos também para, numa espécie de "jôgo floral", exaltar a Primavera, não já simbolizada na imagem ^{haga} da ~~deusa~~ ^{helênica} ~~passa~~, mas, em conformidade com a nossa crença ^{custa} ~~atual~~, na própria Divina Providência, que fêz as estações diferentes, para que, do seu contraste, melhor pudéssemos apreciar os dons da estação que hoje se inicia. [Na sua imprevidência, ^{esforçamos} os nossos antepassados devastaram as florestas a ferro e a fogo, espalhando a desolação no seio virgem da terra mãe pelo esgotamento de seus mananciais de água, conseqüentemente pelo ressecamento de seu solo úbere e pelo deperecimento de sua luxuriante vegetação. ~~Fo~~r ^{na}ram ^{os responsáveis} ~~eles~~ assim ^{os responsáveis} ~~uns verdadeiros~~ ^{para} ~~criadores~~ de desertos. Em tempo, porém, perceberam os seus descendentes o mal que havia no desbastamento das reservas vegetais, e procuraram, por todos os meios, ^{incutir} ~~amparar~~ o reflorestamento. Elaboraram-se leis com o objetivo de proteger as árvores contra a sanha destruidora do fogo e do machado assassino. Criaram-se corpos especiais de guardas, distribuíram-se mudas e sementes, fizeram-se palestras e conferências com o fito de mostrar a necessidade de maior assistência às florestas.

Creio mesmo que o plantio de árvores, em pomares e jardins, em ocasiões como esta, foi instituído entre nós, como uma parte importante dêsse programa recuperador.

A ~~árvores~~ tem sido uma fonte inesgotável de inspiração para os poetas de todos os tempos. Desde Vergílio, que a canta exaltadamente, em hexâmetros admiráveis, nas suas nunca assás louvadas Geórgicas, até nossos dias, dificilmente se encontrará um amigo das Músas, que não lhe tenha consagrado uma estrofe ou um verso, cantando as suas ~~ex~~lências. Se fôssemos a reunir t^{do}das as composições sôbre a ~~árvore~~, ~~ch~~fríamos centenas, ou mesmo, milhares de volumes.

Por falar em poesias sôbre a árvore, não me posso furtar ao prazer de citar, como espécime perfeito de inspiração, o "Castanheiro morto" de Guerra Junqueiro, aquêlê gigante da floresta, povoado de ninhos que no ~~símbolo~~^{círculo} de uma montanha desafiou herôicamente, durante u^m século, a fúria dos ventos e a ~~ameaça~~^{raiva} dos raios. Nem me é possível também deixar no esquecimento "A árvore", de Alberto de Oliveira, a qual se alteava "Entre verdes festões de entrelaçadas ~~fidias~~^{fidias}", e de cuja copa, tôdas as manhãs, miríades de pássaros entoavam os seus cânticos triunfais de saudação ao sol nascente. Nem ~~tão pouco~~^{ainda} poderei passar em silêncio o poema em prosa, que é o "Buriti perdido" de Afonso Arinos, "a velha palamira solitária", que aparecia ao escritor "como ~~o poema vivo de uma raça que se extinta~~^{atalaia guardosa dos campos e das matas}", onde iam abrigar-se, com segurança, o touro bravio, a potranca arisca, os patos selvagens, as varas de queixadas, o corcel lobuno, o cambuçu faminto e tantos outros animais da nossa rica fauna.

Dos magníficos exemplos, que a árvore nos dá, serviram-se os moralistas austeros, para extrair em excelentes máximas, que formam o tesouro de sabedoria das nações. São por demais conhecidas as fábulas do "Carvalho e o Caniço", do "Homem e as Árvores", da "Corça e a Parreira", sem falar em outras que correm, de bôca em bôca, pelo mundo afora.

O culto da árvore, sim, porque as árvores já tiveram o seu culto, remonta a uma alta antiguidade. Parece contemporâneo da época em que o homem, a exemplo dos nossos selvagens, habitava o seio da mata Virgem. A vida silenciosa e cheia de mistérios, vivida em plena floresta, entre perigos e sobressaltos, levou-o a venerar as árvores que o agasalhavam contra as intempéries, que o protegiam contra as feras e que estendiam os seus pomos doces, para mitigar-lhe a fome.

Os gregos e romanos conservaram, por muito tempo, vestígios dessa velha tradição. Segundo a sua crença, tão cheia de poesia, os bosques tinham os seus numes tutelares, que eram as ninfas hamadriades. A vida delas dependia da vida das próprias árvores. Com elas nasciam e com elas morriam. Por isso, mostravam-se reconhecidas aos que lhes faziam bem e aborreciam os que as maltratavam.

Mas não parou aí o seu culto. Havia bosques que eram para êles objeto de uma veneração especial. Tal o de Dodona, no Epiro. Constituía êle um famoso santuário, cujos oráculos eram os mesmos carvalhos que o formavam. Uma sacerdotisa interpretava o sentido do que êles queriam dizer, através do rumor produzido pelo vento em seus galhos e do turturinar dos pombos, ocultos em suas bastas frondes. Não menos venerado foi o bosque de Arícia, próximo de Roma. Conta-se que Numa Pompílio para aí se retirava a consultar a ninfa Egéria, sempre que tinha de tomar uma deliberação importante. Graças às suas inspirações - ao menos as ^{fazem} ~~criam~~ os romanos - pôde êsse monarca ~~realizar~~^{realizar} um governo cheio de sabedoria e de prudência.

Entre o mundo vegetal e as crenças religiosas dêsses povos, havia pontos de contacto muito íntimos. Admitiam que os deuses manifestavam as suas preferências por certas árvores, que lhe eram então consagradas. Assim, o carvalho era a árvore de Júpiter; o mirto, a de ~~Vênus~~; o loureiro, a de Apolo; o pinheiro, a de Cibele; o álamo, a de ~~Hércules~~.

Tão entrelaçada estava a sua vida com a vida das árvores que eles as associavam às suas expansões de alegria, galardoando com a "corona cívica", entretecida de fôlhas de roble, ao que salvava na guerra a um cidadão romano; com a "corona lauri", feita das fôlhas de loureiro, aos que triunfavam nos jogos públicos ou nos certames poéticos; com a "corona ovalis", formada de fôlhas de murta, ao general vencedor que entrava triunfante os muros da Cidade Eterna.

Era crença espalhada entre eles de que a coroa de louros tinha a virtude de preservar os seus portadores das surpresas do raio. Conta Suetônio que, com esse objetivo, o imperador Tibério a trazia sempre à cabeça, nos dias em que a atmosfera se mostrava carregada.

Esse culto às árvores não se manifestava apenas no cuidado ou no respeito com que as tratavam, mas se traduzia também nas elocubrações de um Teofrasto e de um Plínio, que estudaram, com enorme carinho, as plantas nativas da Grécia e de Roma. Este último consagrou ao assunto nada menos de oito volumes da sua grande "História Natural".

A vida do homem moderno também se acha de tal maneira vinculada com o mundo vegetal, que não lhe é possível viver sem o seu concurso. Em certas regiões, constituem as árvores o elemento vital, senão o valor econômico único das populações. Assim, as tamareiras e os baobás na África; as oliveiras e os castanheiros na Europa; os pessegueiros e os cedros na Ásia, etc.. Entre nós merecem especial menção as araucárias, no sul do país; as seringueiras, no norte; os cacauzeiros, no centro.

Os salgueiros da Caldéia se tornaram célebres na história do povo de Deus. Era em seus ramos que os judeus cativos penduravam os instrumentos musicais, à espera de que a aragem acordasse nêles as melodias admiráveis, que os consolavam da saudade da pátria distante.

Há árvores que são verdadeiramente providenciais. Nesse número, está a carnaubeira que vive nas terras secas do nosso sertão, de tantas e variadas aplicações. A sua raiz serve ao homem para as tisanas com que se cura de muitas moléstias; do caule estrai êle a farinha com que se alimenta, ou se utiliza, quando sêco, para madeira de construção; seu fruto é comparável à tâmara e empregado na fabricação de doces; o caroço torrado ministra-lhe excelente bebida, ou substância de que tira o óleo; as fôlhas fornecem-lhe a cêra, que usa nas placas do fonógrafo, nas fitas cinematográficas ou na fabricação de velas e fósforos; o espique aproveita-o para ripas e barrotes. Em experiências feitas nos Estados Unidos, ficou demonstrada a sua utilização também na indústria do papel para jornal.

Onde quer que se encontre, é sempre a árvore um sinal de abrigo e proteção. Tesouro nenhum mais valioso poderia dar Deus ao homem do que ela. No deserto, é o refrigerio para o peregrino extenuado da longa jornada; no mar, é o navio que leva os nossos produtos a melhores mercados ou nos transporta, em viagem de recreio, ao convívio amigável de outros povos; na cidade, é o embelezamento das ruas e logradouros públicos; no campo, é a geradora de oxigênio, que nos dá saúde e alegria; nas fábricas, é o alimento das máquinas, que produzem a nossa riqueza industrial; no lar, é a mesa, a cadeira, o leito, onde se encontra-

samos das labutas diárias, e mais a lenha, que nos coze o alimento e nos aquece nas longas noites de estio.

A nossa ^{Pátria} ~~terra~~, mas que qualquer outra, tem o seu destino ligado ao destino das árvores. Foram as nossas florestas densas, impetráveis ao passo humano, a azular ao longe na curva do horizonte, que anunciaram ao descobridor europeu a existência de uma ^{terra} ~~continente~~ nova, emergindo dentre as ondas, na pompa triunfal dos seus panoramas verdes, como uma visão estonteante de beleza e graça, de que nunca mais êle se poderia esquecer. Foi ainda a árvore, que forneceu a madeira para a cruz tosca, que selou o pacto de amizade dos habitantes da terra recém-descoberta com aquêles homéricos aventureiros, que empobreciam os continentes, para dilatar as fronteiras da Fé.

Mas a maior prova dessa conexão de destinos, temo-la na designação indígena da nossa terra - Pindorama, o país das palmeiras, ou no atual nome - Brasil, a lembrar o pau apreciado, que os estrangeiros vinham avidamente procurar às nossas plagas, para o tráfico com que se enriqueciam. Se êsse é o destino do solo em que nascemos, se êsse é o nosso próprio destino, crianças brasileiras, sejamos fieis a êle, cuidemos da árvores com o máximo carinho e solicitude.

Aprendamos a ser gratos, saibamos retribuir, em cuidados de tôda espécie, os grandes benefícios que dela recebemos. Antes de lhe arrancarmos uma fôlha ou lhe cortarmos um galho, detenhamo-nos um momento a pensar que a árvore tem vida, que ela sente como nós.

Não devemos esquecer nunca a história daquele bárbaro lenhador contada por Catulo da Paixão Cearense, na linguagem pitoresca, muito sua, de matuto. Não havia para o terrível desbravador das matas prazer maior do que enterrar o gume fino do seu machado no cerne carnudo dos troncos agasalhadores. Na sua fúria insensata de abatê-los, pouco se lhe dava das admoestações da velha avó, que lhe dizia:

"Meu fio, tem dó das arve,
Que as arve tem coração!..."

Os gemidos que elas soltavam, só serviam para que êle redobrasse a fúria devastadora. Hoje, era um ingazeiro, carregadinho de frutos, que caía aos golpes de seu machado criminoso; amanhã, a laranjeira florida, onde as noivas iam buscar os ramilhetes para a festa nupcial; no outro dia, o velho ipê, todo amarelo, a cuja sôbra o avô descansava nos dias calmosos, ou cantava ao luar, ao som da viola, as endechas saudosas da sua mocidade. [Estava êle, um dia, o desalmado, todo entregue à sua tarefa negreganda, quando sentiu escorrer pelo tronco de uma velha árvore gotas rubras de sangue. Mal crendo no que lhe revelavam os olhos, transido de pavor, atira para longe o instrumento arborécida e desanda a correr.

"E foi correndo... correndo..."

"Cada tronco que ia vendo
Das arve que êle torôu,
Era um braço alevantado
Dum home, meio interrado,
A gritá: "Vai-te, marvado!...
Assassino!... Matadô!...
Foi Deus quem te castigô!..."

Atormentado pelo remorso, em cada coisa que encontrava pelo caminho, em sua fuga desabalada, via uma árvore desnuda a estender os seus braços ameaçadores para estrangulá-lo. A relva macia, que êle pisava, parecia-lhe um longo sarçal, que lhe lacerava as plantas dos pés. Para escapar à vingança das suas vítimas, tenta atravessar a pinguela de um regato, mas esta rui, e êle se precipita na água. Na iminência de afogar, grita por socorro:

"Socorro, meu Deus, socorro!
Socorro que eu vou morrê!
Eu juro a Deus, supricando,
Nunca mais em minha vida
Uma só arve ofendê."

Só então compreende a grande verdade das palavras de sua velha avó:

"Meu fio, tem dó das arve,
Que as arve tem coração! "

Um ingazeiro o salva de morrer afogado:

"Entonce um verde ingazêro,
Que tava in riba das água,
Esticou um braço verde,
Dando ao home sarvação!

Bejando o gaio chorando,
Dizia: "Munto obrigadô!
Deus te faça, abençoado,
Todo o ano tê verdô!
Vou rebentá meu machado!
Quero isquecê meu passado!
Não serei mais lenhadô!"

E o seu arrependimento foi grande e sincero, tão grande e sincero foi, que abraçou a profissão de jardineiro, para compensar as plantas dos maus tratos que lhes havia infligido. E, - diga-se de passagem, - nunca houve jardineiro mais devotado ao seu ofício que êle. A janela do seu casebre ficava aberta a noite inteira, para que êle pudesse ouvir os segredos das flores e sentir-lhes o suave perfume. Mal repontava o dia, lá ia, cantarolando pelas aléias floridas, saudar as suas plantas e...

"De minhã, de minhã cedo,
Lá ia sabê das rosa,
Dos cravo, das sempre-viva,
Das magnólia cherosa,
Se tinha drumido bem"

Ninguém poderia adivinhar que, na figura daquêle solícito jardineiro, todo carícia com as flôres, chegando a ponto de chorar, quando alguma, já velha, pendia amarelecida na haste, se escondia a alma tenebrosa do antigo lenhador.

"E agora, quando passava
Junto das arve, cantando,
Cheio dagua, carregando,
O seu veio regadô,
As arve, feliz, contente,
Que o lenhadô perduava,
No jardinêro atirava
As suas parma de frô."

Lembraí-vos dessa história, meus amiguinhos, e não maltrateis nunca as árvores. Sêde sempre seus bons e leais amigos. Recordai hoje, que é o dia consagrado a elas, os vossos são propósitos de amá-las e protegê-las. Fazei tudo o que puderdes em seu proveito. Imitai o exemplo daquele pequeno colega vosso que, tendo nascido no mesmo dia em que fôra plantado, pela sua mãe, um cajueiro no quintal da casa, com êle queria crescer abraçado, com êle trocava as suas confidências, e com êle de sejava, alfim, dormir o derradeiro sono:

"Cresce, cresce, cajueiro,
Que eu também hei de crescer,
Se murchares algum dia,
Eu também hei de morrer.

Somos ambos pequeninos,
Vivemos ambos no chão,
Se dizes que és meu amigo,
Eu digo: Sou teu irmão!..."

Na inconsciência própria de vossa idade, antes de qualquer procedimento que possa redundar em prejuízo das árvores, recolhei-vos ao santuário das vossas almas, e ouvi a súplica sentida, que elas dirigem a cada um de vós:

"Tú que passas e levantas contra mim teu braço, antes de me fazer mal, olha-me bem.

Eu sou o calor de teu lar nas noites frias de inverno.

Eu sou a sombra amiga que te protege contra o sol de agosto.

Meus frutos satisfazem a tua fome e acalmam a tua sede.

Eu sou a viga que suporta o teto da tua casa, a tábuá da tua mesa, a cama em que descansas.

Eu sou o teu cavalinho de pau, os pedacinhos de madeira com que brincas de construção. Sou o cabo das tuas pequenas ferramentas, a porta amiga do teu lar.

